

BTH

2022

BOLETIM DE TRABALHOS HISTÓRICOS

GUIMARÃES . SÉRIE III . VOL.XI 2022

FICHA TÉCNICA

Boletim de Trabalhos Históricos
Série III
vol.XI

Diretora/coordenação
Alexandra Marques

Edição e Propriedade
Arquivo Municipal Alfredo Pimenta
Rua João Lopes de Faria, 12
4810-414 Guimarães

Impressão
Centro Juvenil São José

Design Gráfico
Maria Alexandre Neves

Periodicidade
Anual

Tiragem
200 exemplares

ISSN
0871-7478

Depósito legal
Nº 41482/90

NB: Os artigos assinados são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autore(s).

ÍNDICE

Editorial

pág. 9

Um palco de teatro nacional em Guimarães A primeira década de funcionamento do Teatro D. Afonso Henriques – 1855-1865

Inês Lago

pág. 13

Mário Bonito: Estádio de 1958 para Guimarães Gênese de um Projeto-conceito

Helder Casal Ribeiro, Sílvia Ramos

pág. 49

O campo de jogos: narrativas socio-espaciais do futebol amador no território difuso de Guimarães

Miguel Fernandes

pág. 69

Dom Manuel Afonso da Guerra

Maria Adelaide Pereira de Moraes

pág. 103

**O campo de jogos: narrativas
socio-espaciais do futebol
amador no território difuso de
Guimarães**

O campo de jogos: narrativas socio-espaciais do futebol amador no território difuso de Guimarães

Miguel Fernandes

RESUMO

Este é um estudo que propõe revelar e refletir sobre o papel do campo de futebol no território difuso contemporâneo do Vale do Ave – neste caso definido por uma amostra alargada ao concelho de Guimarães – e tem por base o trabalho de investigação iniciado em 2015 e apresentado em 2017 como prova final do Mestrado Integrado em Arquitetura da Universidade do Minho na área de conhecimento de Cidade e Território.

Nesta proposta, o campo é o mote para uma leitura das dinâmicas socio-espaciais dos lugares e território, pretendendo-se, deste modo, não só reconhecer as múltiplas formas e funções do campo que ciclicamente vão sendo substituídas entre o uso futebolístico e social como também traduzir as relações e processos de transformação entre campo e território ao longo do tempo – desde a localização e implantação do terreno de jogo aos processos urbanísticos posteriormente gerados na sua envolvente.

palavras chave: cultura popular; território difuso; futebol amador; espaço coletivo.

CAMPOS PAROQUIAIS E CLUBES INDUSTRIAIS

Tendo o concelho de Guimarães como *pano de fundo*, a área geográfica que a amostra abrange resulta da identificação e localização dos 54 campos descobertos dentro deste limite administrativo sendo constituída por um território que contempla 36 das 48 freguesias do município. Área coincidente com o modelo de ocupação territorial difuso onde residem cerca de dois terços do total de habitantes do concelho, indicador que não só nos permite aferir a preponderância deste modelo de povoamento no território vimaranense como simultaneamente reconhecer o campo como uma das suas marcas identitárias.

A localização deste equipamento está vinculada aos processos de construção e transformação do território difuso, uma vez que é da sobreposição decorrente desses processos que, ao longo do tempo, resulta a estrutura associada ao seu surgimento. Existe, portanto, uma íntima relação entre as funções – religiosa e industrial – que estão na origem da consolidação deste território e o campo, tanto nos motivos associados à sua posição como também nas iniciativas direcionadas à sua construção.

A função religiosa permite-nos identificar as semelhanças entre o mapa da estrutura paroquial, já estabelecida no Século XI, e o atual mapa de localização dos campos. Das paróquias viria a formar-se, no Século XX, a estrutura administrativa por freguesias que agora subdivide o concelho e que àquela época estava já disseminada. No decorrer do Século XX destaca-se ainda a função industrial que, através de um modelo de ocupação igualmente disperso, vem consolidar uma matriz de povoamento que funde uma condição inicialmente rural a uma nova condição urbana.

Desde o primeiro registo¹ que noticia a introdução do futebol em Guimarães, no ano de 1914, até ao final da primeira metade de século, permanece diminuto tanto o número de campos construídos como também a base de clubes. Só no início da segunda metade do século – mais particularmente durante os anos 50 e 60, quando a indústria têxtil do Ave atinge o seu apogeu – é que empresas como a Coelima, Têxteis Tarf ou, fora do concelho, mas no mesmo contexto, a Riopele, tomam a iniciativa precursora de criar os seus próprios clubes de futebol. A partir daí, não raras vezes acontecia o presidente do clube coincidir com o proprietário da fábrica² e os operários com os jogadores.

Contudo, tão rápida foi a ascensão destes clubes como a queda e conseqüente extinção, provocada pela crise industrial que, logo em seguida, afetaria profundamente este tecido empresarial. Não obstante, a indústria do Ave permanece ainda hoje, com outras limitações, como um importante alicerce financeiro dos clubes, continuando a cumprir-se a tradicional relação entre os donos das fábricas e os dirigentes do futebol. Do conjunto de equipas que teve como principal motor a função industrial resiste ainda o *Clube Operários de Campelos* cuja denominação e respetivo símbolo comprovam a condição ligada à sua fundação.

¹ SIMÕES, J. Santos. Futebol *Vimaranense: das origens aos estádios*, p. 13.

² MORRIS, Desmond. *A tribo do futebol*, p. 25.

No final dos anos 60 evidenciam-se, paralelamente aos anteriores, alguns clubes cuja gênese reside na proximidade à função religiosa. Os Campos da Juventude de Ronfe e da União Desportiva de Airão são dois dos exemplos que por essa década foram implantados em terrenos de propriedade paroquial³, sendo este último inclusivamente designado *Campo Paroquial Santa Maria de Airão*. A simbologia de muitos destes clubes inclui também representações alusivas aos Santos Padroeiros das freguesias ou à Igreja Paroquial da localidade a que pertencem.

O acontecimento que marca definitivamente uma forte expansão na generalidade da prática desportiva no concelho é a Revolução de Abril de 1974.⁴ A criação de novas infraestruturas, principalmente campos de futebol⁵, que se sucede nos anos seguintes à instauração da democracia passa a dever-se, em grande medida, às mais diversas intervenções político-partidárias.⁶

No decorrer das décadas seguintes, todas as freguesias foram reivindicando a construção do seu próprio campo, sendo aliás recorrente a inclusão da iniciativa para a sua construção no programa eleitoral dos diferentes partidos políticos. No limite, por se tratar de uma construção que requer apenas uma máquina retroescavadora e pouco tempo de trabalho, alguns campos terão sido inaugurados em plena campanha eleitoral mesmo antes de concluídos todos os procedimentos necessários à prática do jogo.

3 “*Esta área aqui pertence toda à paroquia.*” FERREIRA, Eduardo [pres. do Airão]. Airão vs Briteiros. disponível em: videos.sapo.cv/ZZTKvinwlnTqeoyOqm9U (01'20")

4 *Desporto em Guimarães: dos primórdios à atualidade*, p. 2.

5 idem.

6 COSTA, A. Silva. *Portugal, país de futebol*, pag. 32; ou a origem do São Faustino, clube nascido a pedido do pres. da Junta de Freguesia, que adianta: “*ia para as reuniões da câmara e lá eles diziam que aqui não havia nenhuma ação em termos de cultura e então pediu-me. Nós fundamos o clube, Grupo Desportivo de São Faustino, e então a partir daí isto desenvolveu-se...*” S. Faustino vs Castelões. disponível em: videos.sapo.cv/E8bhLqKGfVdoBTYdSv (04'40")



Fig.1 – Conjunto de ortofotomapas dos campos em estudo





RUA DO CAMPO DA BOLA

Independentemente das limitações topográficas ou das recomendações da FIFA, das condições de acessibilidade ou das restrições do PDM – o motivo por detrás da escolha dos terrenos a implantar o campo deve-se, fundamentalmente, a razões económicas.

Nesse sentido, do progressivo desinvestimento empresarial e paroquial no futebol aliado à incapacidade das entidades administrativas locais e municipal em patrocinar, com o mesmo fôlego, a compra de terrenos e respetiva construção de recintos, resulta uma mudança de paradigma. O campo que, de início, por força da capacidade polarizadora das funções religiosa e industrial, aparece nos centros de freguesia – nas imediações de igrejas ou fábricas – passa a surgir com maior frequência fora do *coração das comunidades*, onde a agricultura e floresta prevalecem sobre uma ocupação urbana até então escassa ou mesmo inexistente. Ou seja, onde estão os terrenos mais baratos. Este critério torna-se de tal forma decisivo ao ponto de, em última instância, se admitir como localização do equipamento um terreno já em solo da freguesia rival – à semelhança do que ocorre com a casa do FC Prazins e Corvite, clube que antecipou em quase 30 anos a recente União das Freguesias de Santo Tirso de Prazins e Corvite mas que nem assim viu as suas instalações serem construídas numa ou noutra freguesia. Quem, aos domingos, quiser apoiar a equipa da terra terá obrigatoriamente de se deslocar a Santa Eufémia de Prazins.

Se, por um lado, é nos arrabaldes que se verifica o cumprimento do pré-requisito financeiro, por outro, é também aí onde a implantação do campo se depara com todo o tipo de adversidades que vão desde o incumprimento das regras e recomendações da FIFA à transgressão dos regulamentos do PDM.⁷ Assim, no processo de implantação destes campos de futebol as mudanças são, em primeiro lugar, morfológicas. A extensão de terreno plano que requerem, obriga a mudanças que fazem tábua-rasa dos terrenos preexistentes. Em superfície agrícola, a condição da geometria do solo, caracterizada por declives reduzidos, parece oferecer um panorama favorável à sobreposição da superfície plana do campo. Porém, outros fatores associados à sua especificidade – nomeadamente um solo húmido e fértil potenciado por linhas de água próximas a juntar às próprias condicionantes impostas nas políticas de ordenamento e gestão do território – constituem o grande obstáculo a faltar. Intervenções como o desvio e canalização de linhas de água ou até a manipulação das margens dos rios espelham algumas das implicações da ação inicial introduzida pelo campo no funcionamento da estrutura parcelar existente. Por sua vez, o solo florestal reflete ainda melhor os paradoxos implícitos nesta operação. Estes são os terrenos mais baratos, mas ao mesmo tempo aqueles cuja modificação exige uma intervenção mais radical já que é praticamente necessário esculpir um retângulo plano para se jogar futebol num solo de pendentes acentuadas. Tendo por referência a amostra em estudo, calcula-se que tenha resultado da rutura introduzida nestas superfícies o movimento de aproximadamente 500 mil toneladas de terra apenas na área circunscrita ao terreno de jogo.

7 Sendo 20 dos 54 exemplares que constituem a amostra construídos em áreas protegidas de Reserva Agrícola (RAN) ou Reserva Ecológica (REN).

Contudo, é, justamente, no meio deste quadro de condicionantes e adversidades, que o campo desencadeia novas dinâmicas de polarização do povoamento no território difuso do Vale do Ave. A atratividade que cria à sua volta vai gerar um processo reativo em que a base agrícola e florestal é ao longo do tempo substituída por ocupação urbana. Por exemplo, na freguesia de Aldão, é o *Parque de Jogos Artur Silva* (assim designado em homenagem ao patrono que cedeu o terreno) que, em 1989, inaugura a metamorfose do Pinhal de Aldão em superfície urbanizada. Outro caso ilustrativo deste fenómeno é a Urbanização das Cruzadas, originada a partir da infraestrutura viária inicialmente traçada para garantir o acesso ao *Campo Água das Cabras* e onde no decurso do tempo é possível identificar uma crescente concentração das habitações junto do recinto de jogo.

Rua do Campo da Bola é o topónimo que melhor sintetiza esta reação, mas não o único. *Travessa do Campo de Futebol*, *Avenida do Parque Desportivo* ou *Largo do SC Gondomar* são também elas designações sintomáticas do **processo de urbanização** impulsionado pelo surgimento do campo.

Em torno do campo vão também aparecer novos serviços e equipamentos coletivos. Ao passo que nos primórdios do futebol (em meados do século XIX, na Grã-Bretanha) os desafios começaram por ser jogados em *secções delimitadas de parques públicos* ou em recreios de escolas, onde, por sua vez, eram os muros que automaticamente demarcavam a área de jogo.⁸ No Vale do Ave contemporâneo invertem-se os papéis, sendo neste caso o campo de futebol a anteceder a criação de parques de lazer, escolas, entre outros equipamentos. Em Santa Maria de Souto, a acompanhar a transformação do lugar está também a denominação do equipamento que muda de *Campo de Jogos do Sport Clube Estrelas Vermelhas* para *Parque Desportivo e de Lazer de Souto Santa Maria*. Sem uma ordem em particular, aglutinam-se agora ao campo, interconectados por percursos pedestres, um pavilhão polidesportivo, um parque de merendas, um parque infantil e um lago. Noutra latitude, decorria o ano de 2009 quando, por iniciativa do próprio clube local, foi acrescentada uma creche⁹ às instalações do *Complexo Desportivo Amigos de Urgeses*.

Não há, portanto, uma separação nítida entre aquilo que ao domínio do campo pertence e o que, respetivamente, ao parque e à creche diz respeito. Antes pelo contrário, o que em vez disso parece acontecer é mais uma fusão ou mistura entre um e outro dispositivo, tal como ainda sucede em São João de Airão onde, desde 2010, o campo de jogos e piscina municipal partilham os balneários ou em Calvos onde as instalações do clube e junta de freguesia coexistem no mesmo edifício.

⁸ "Conhecido tecnicamente por «Campo de Jogo» é também denominado por jogadores e treinadores «o relvado». (...) Como tantas palavras e frases de futebol, esta possui uma qualidade antiga, datando da época em que a maior parte dos desafios se jogavam numa secção delimitada de parques públicos, antes de grandes multidões se reunirem para assistirem às partidas." MORRIS, Desmond. op.cit., p. 38.

⁹ Creche inaugurada. disponível em: videos.sapo.cv/MciAFZ9UGgKvDoEDvwHf

A CULPA É DA GEOMETRIA

O campo metaforiza um território de paradoxos e contradições. Havendo sempre um retângulo, o único elemento fixo, tudo o resto muda. Assim, ao contrário do que seria de esperar, nem o próprio terreno de jogo ajuda à uniformização. A começar nas medidas e orientações que variam campo a campo, a existência ou não de bancada, balneário ou bar confere um sem-fim de **morfologias e tipologias** ao equipamento.

Apesar de altamente recomendado que o campo meça 105m x 68m¹⁰, não existe, nesta amostra, um único exemplar que satisfaça esta condição. Aliás, nem sequer há dois campos com o mesmo comprimento e largura. As medidas de que mais se aproximam são as dos requisitos mínimos: 90 metros de comprimento por 45 metros de largura.

Se, em teoria, este é um dos fatores que faz do jogar em casa uma vantagem, porque a equipa da casa pode avaliar as distâncias com maior precisão que os visitantes;¹¹ na prática, os maus resultados domésticos das Águias Negras são-nos justificados numa perspetiva divergente – apontando as culpas à geometria: “O nosso campo é de pequenas dimensões. Geralmente as pessoas vem para aqui, ou os clubes vem para aqui um bocado fechados... nós tentamos ganhar porque jogamos geralmente ao ataque, mas eles no contra-ataque têm-nos ganho quase sempre.”¹² Quem o diz é o próprio presidente do clube, Paulo Oliveira.

*Simultaneamente à dimensão, a disposição da forma nos lugares é, também ela, paradigmática das contradições implícitas no critério (ou falta dele) associado ao processo de implantação do campo. Se orientado a Nascente Poente, o terreno de jogo, torna-se, não poucas vezes, um adversário à altura das partidas. Especialmente quando estas se arrastam pela tarde ficando o sol diante dos olhos dos pontas de lança ou dos centrais, se do outro lado.¹³ Por isso, e atendendo ao facto de quase todos os jogos serem disputados em horário coincidente com o final de tarde, a orientação norte-sul seria frequentemente considerada a ideal.¹⁴ Contudo, nem assim se verifica uma orientação predominante que reduza a influência desta componente no jogo. O campo *dispara* em todos os sentidos, inclusive nos mais desaconselháveis.*

As dimensões e disposições dos vários programas de apoio ao campo não têm as normas pelas quais se rege o espaço entre as quatro linhas. Se já no que respeita ao retângulo de jogo o conjunto de condicionantes não é, de todo, seguido; no programa, “sem regras”, as variações formais e funcionais são inesgotáveis.

10 Estádios de Futebol. Recomendações e requisitos técnicos – Área de jogo, p. 64-65. disponível em: img.fifa.com/mm/document/tournament/competition/01/37/17/76/p_sb2010_stadiumbook_ganz.pdf

11 MORRIS, Desmond. op.cit., p. 33.

12 Tabuadelo vs Arcos de Baulhe. disponível em: youtu.be/pf_Eribam3U

13 SILVA, João Rosmaninho. *O pequeno futebol*, p. 30.

14 Estádios de Futebol. Recomendações e requisitos técnicos – Decisões na fase de pré-construção, p. 32-35. disponível em: img.fifa.com/mm/document/tournament/competition/01/37/17/76/p_sb2010_stadiumbook_ganz.pdf

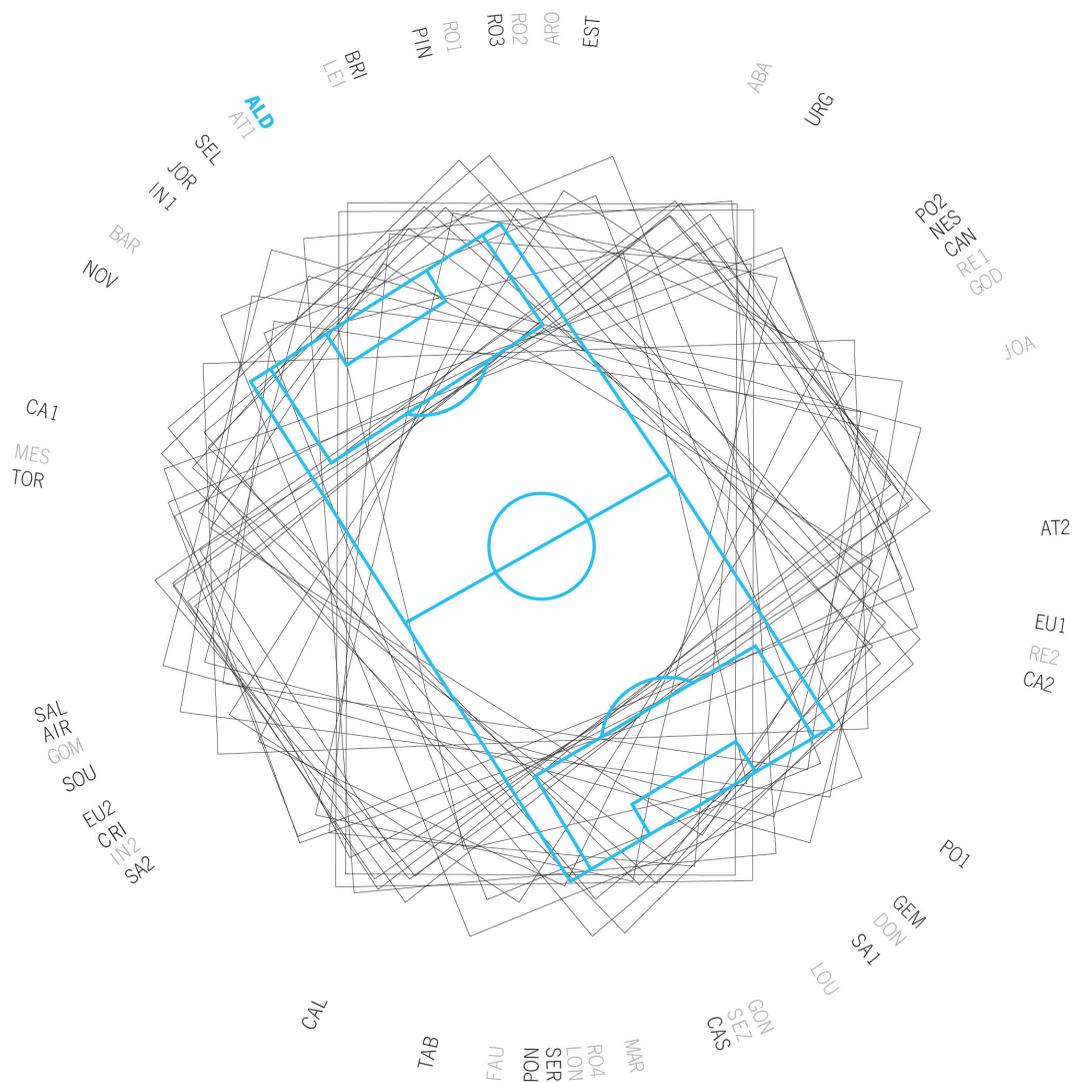
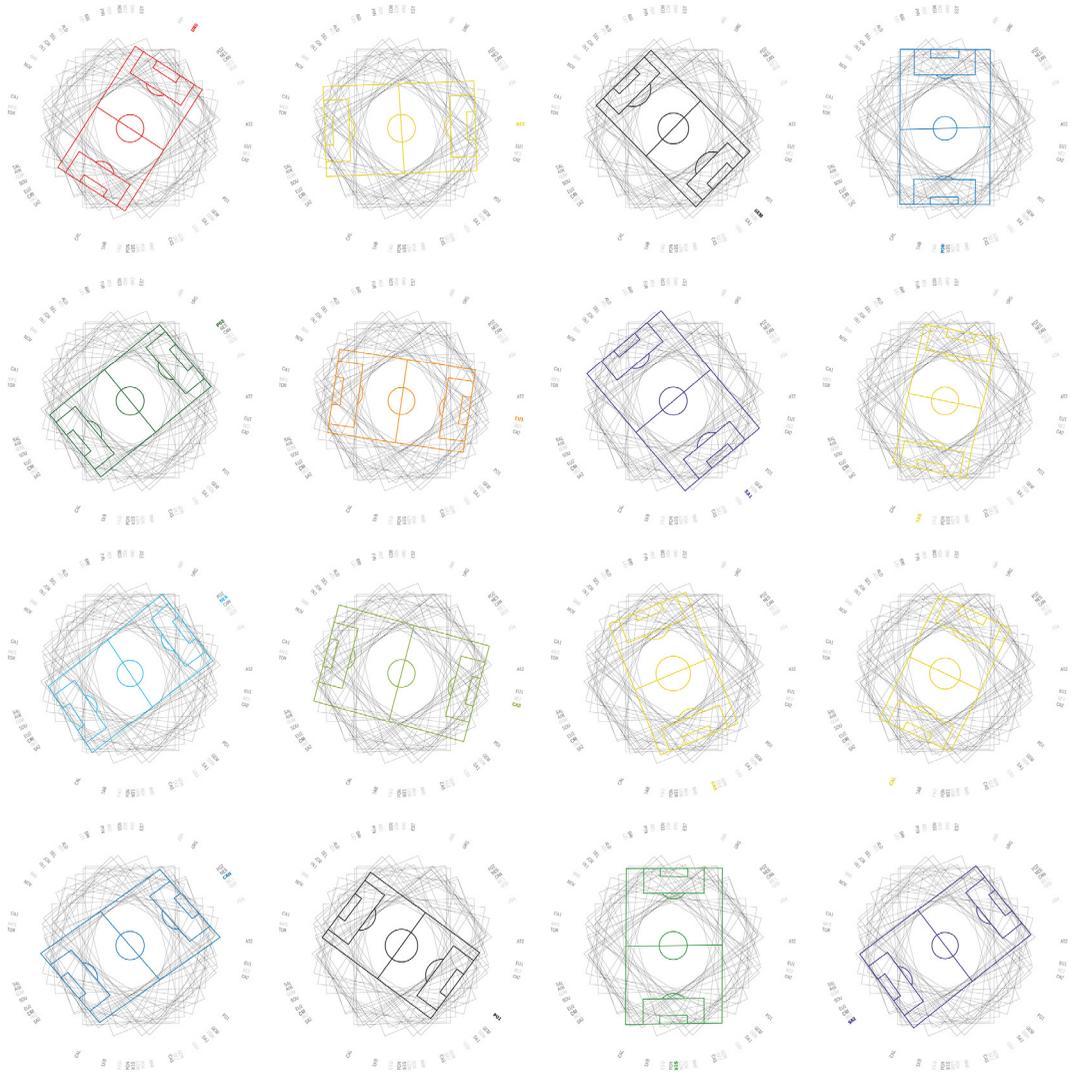
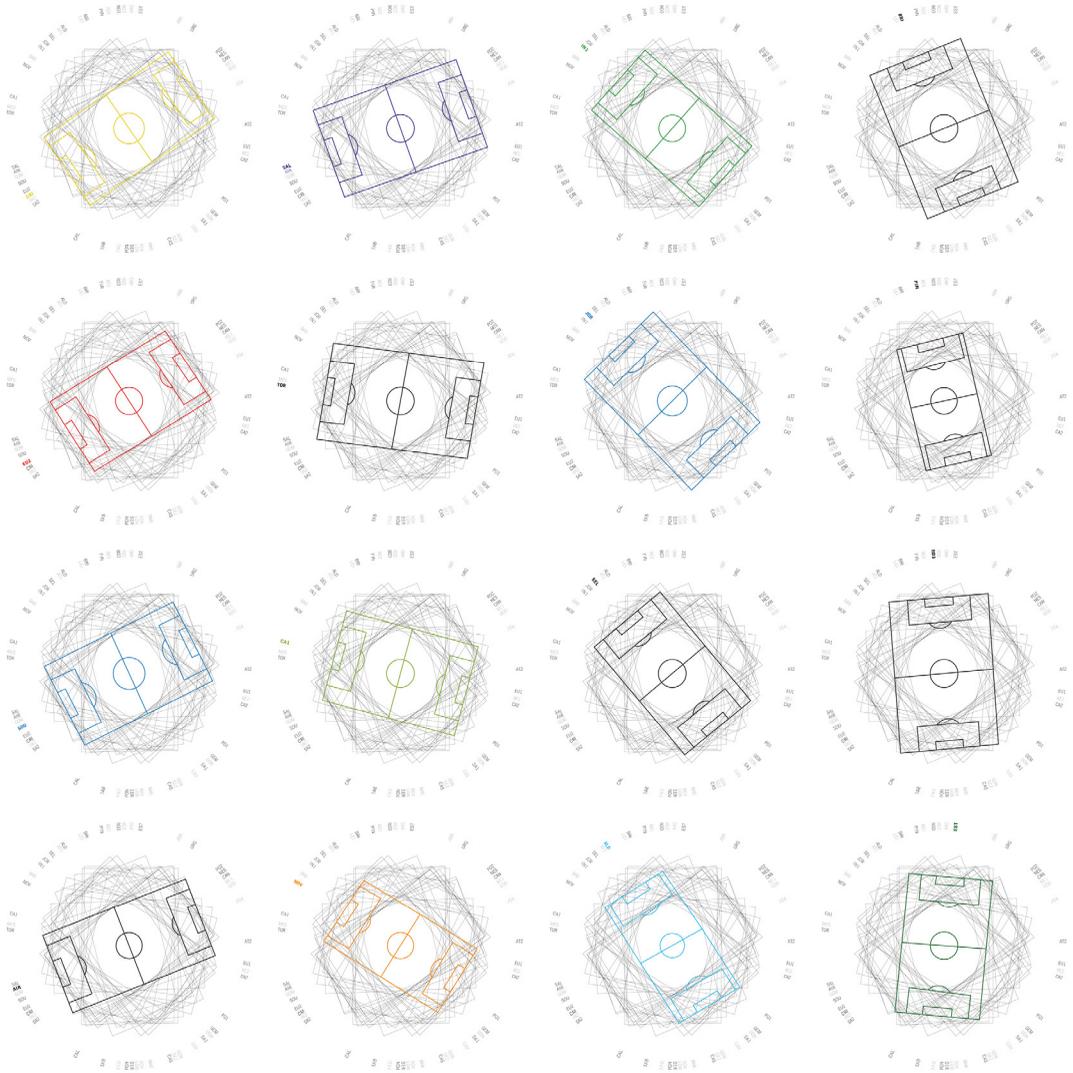


Fig.4 – Desenho das dimensões e orientações do retângulo de jogo





Divisível em duas categorias – desportiva e social – estes atendem a necessidades específicas do campo que implicam uma relação de complementaridade e suporte não só à atividade desportiva dos clubes, mas também à vida social dos lugares.

O **programa desportivo** está quase exclusivamente vinculado à prática futebolística, dos treinos às competições. Os balneários, bancadas, bilheteiras, gabinetes vários (administrativo, médico, técnico), secretaria, rouparia, massagista, ginásio, sala de troféus/museu, etc. são os espaços intervenientes no jogo. A partir dos usuários percebe-se o funcionamento deste programa, alicerçado na comunicação e contiguidade entre a superfície bidimensional do território de jogo e a estrutura tridimensional do programa de apoio. Os espectadores assistem ao jogo da bancada, os jogadores equipam-se para o jogo no balneário, os diretores e treinadores preparam-no nos gabinetes.

O **programa social** introduz ao campo outras práticas complementares ao futebol. Não estabelece por isso uma relação direta com este jogo, mas sim com outros como são exemplo a sueca, a malha¹⁵, o bilhar ou os matraquilhos.

O bar emerge aqui como espaço central na dinâmica social do campo entre um conjunto mais alargado de áreas que pode ou não incluir uma sede do clube (também designada sede social), sala de jogos, salão de festas, palco, entre outros. À falta desse programa adicional, é o bar que absorve as funções a que os outros se propõem. Os seus usuários não se limitam, como no programa desportivo, aos intervenientes do jogo. Este espaço atrai desde a família dos jogadores até pessoas a quem o futebol nada interessa que vivem à sua volta e o frequentam. Afinal de contas, como diz o “Engenheiro” Magalhães (adepto do bar): *“O que interessa é comer bem e beber. O futebol não enche a barriga.”*¹⁶

DO QUINTAL DO SR. SILVA

Por ter como usuário exclusivo o adepto ou espectador do jogo, a **bancada** é o programa que melhor traduz a relação de proximidade e dependência ao retângulo principal. Atrás das balizas ou a determinada extensão das linhas laterais, a uma distância nunca superior a 5 metros destas marcas, multiplicam-se as possibilidades não só de disposição, dimensão e fragmentação deste programa, como também a presença ou não de cobertura, cadeiras ou áreas privilegiadas para assistir ao jogo como camarotes, tribunas, salas VIP, etc. Em Pevidém, este programa separa-se em três construções autónomas de diferentes dimensões (duas das quais com cobertura e cadeiras) estabelecendo desse modo uma hierarquia que tanto pode impor aos adeptos o pagamento de vários preços de bilhetes em função do lugar, como pode ser a separação da condição de visitante/visitado a ditar o

15 Polvoreira vs Celoricense. disponível em: youtu.be/KBHbRrC3Pxo

16 No futebol, ver a bola é o que menos interessa? disponível em: [videos.sapo.pt/ZETvKKzVvKVJHzZmQ5fk\(00'29''\)](https://videos.sapo.pt/ZETvKKzVvKVJHzZmQ5fk(00'29''))

privilégio dos apoiantes da equipa da casa em detrimento dos outros que ficam normalmente sujeitos às piores condições, neste caso à bancada sem cadeiras nem cobertura.

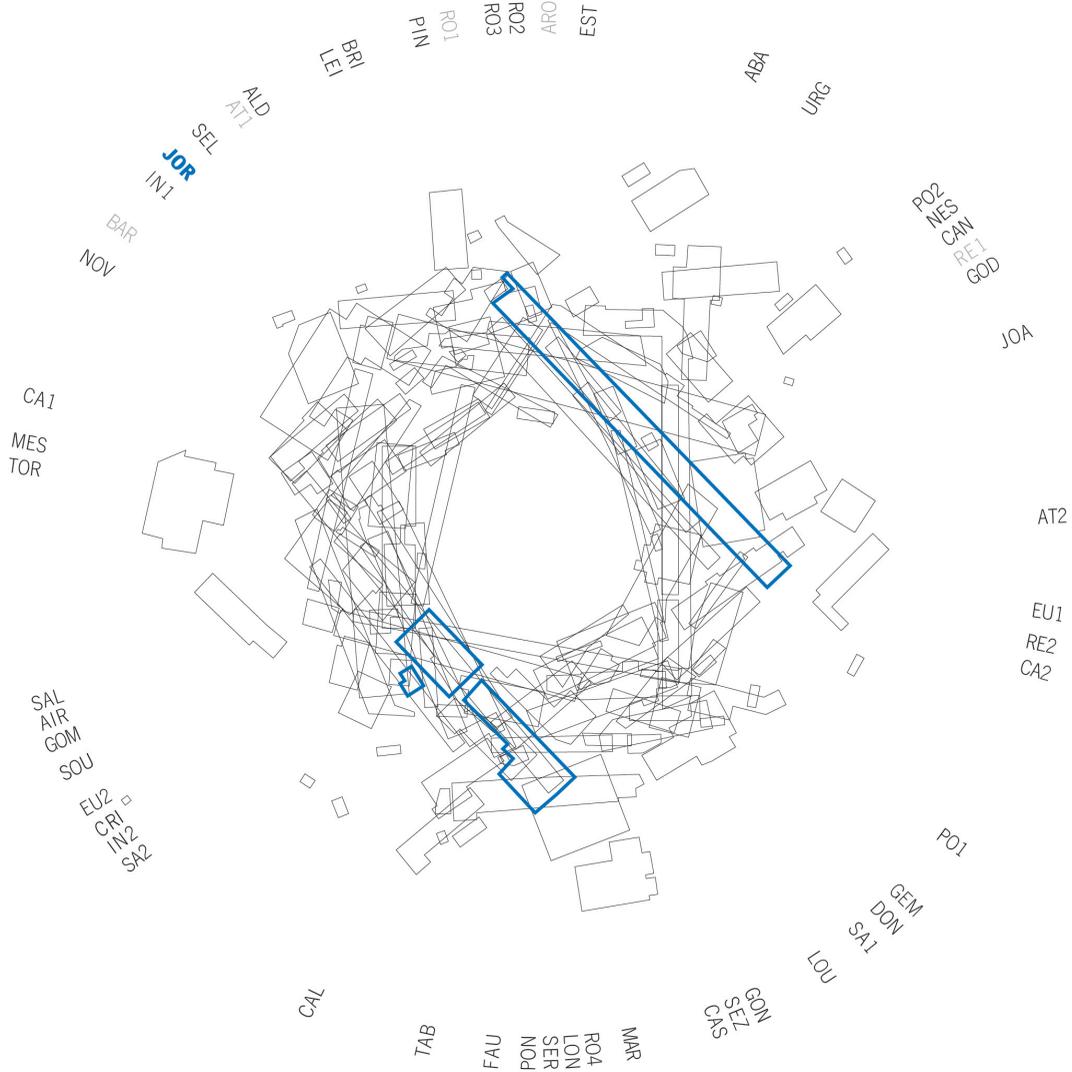
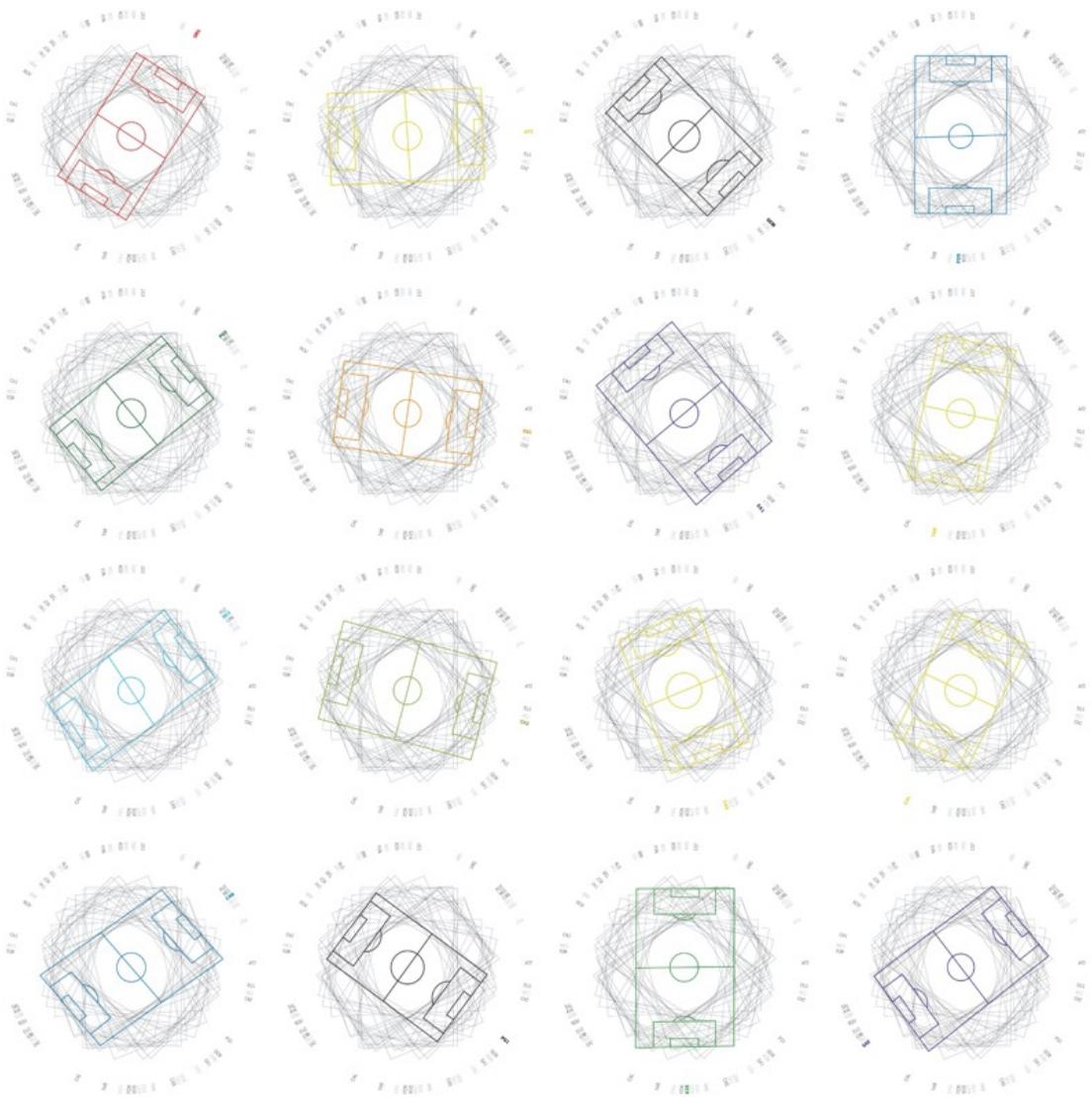
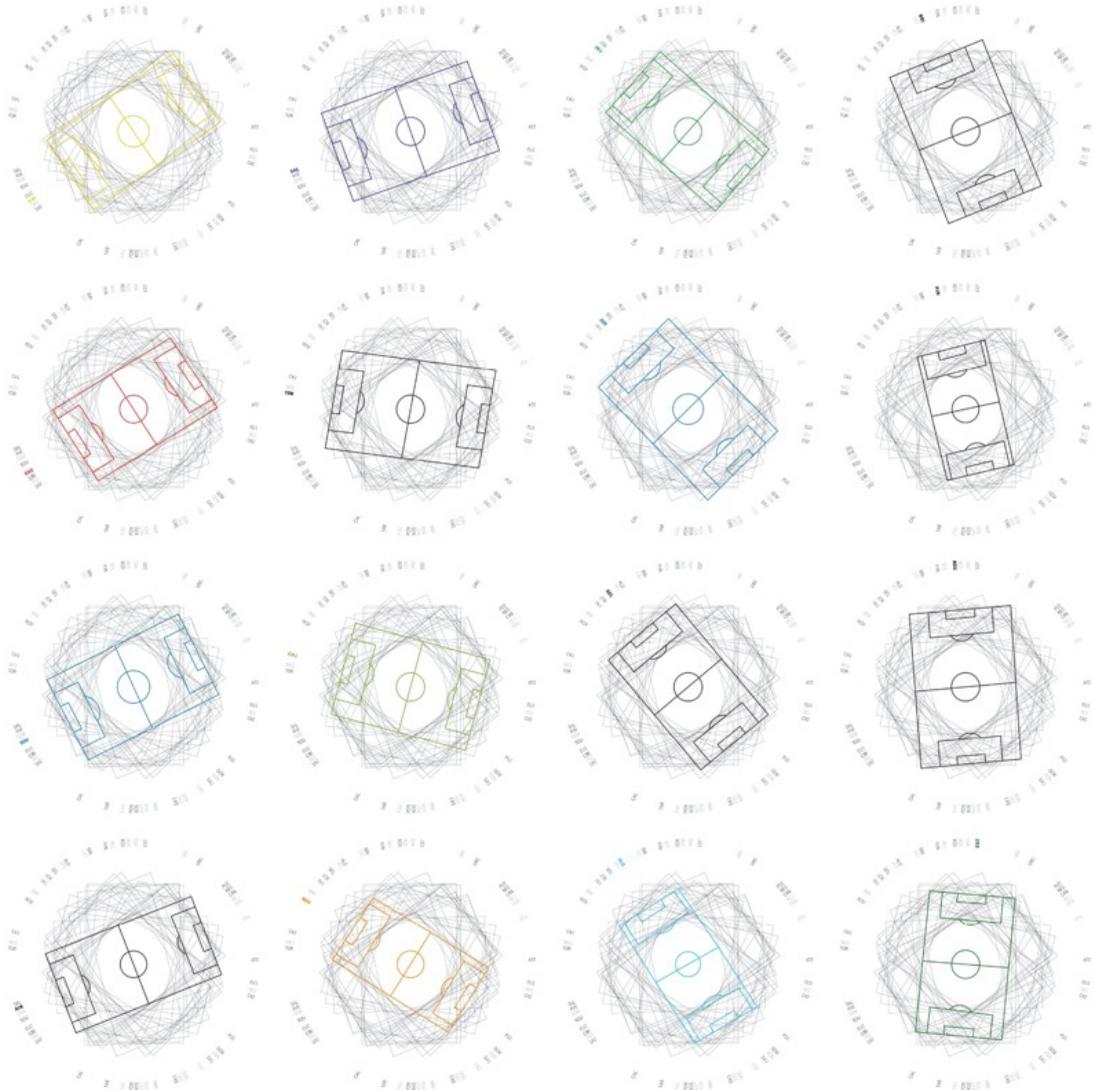


Fig.7 – Desenho das instalações de apoio ao campo





Contudo, como no campo o contrário é sempre possível, esta norma hierárquica pode inverter-se: subdividida em dois setores (com e sem cobertura), a única bancada existente no *Parque Desportivo dos Carvalhos* destina-se aos adeptos visitantes.

Por último, nos campos de Santiago de Candoso ou São Cristóvão não existe qualquer bancada, aqui o público dispersa-se livremente em redor do recinto limitado apenas por uma guarda em madeira que separa o território de ação dos jogadores dos espectadores livremente espalhados pelo parque de lazer.

A capacidade de lotação do campo é portanto consequentemente oscilante. Da mais pequena bancada com dois ou três degraus em cimento à maior, disposta a toda extensão lateral do campo, a capacidade desta estrutura para acolher adeptos varia radicalmente entre os 200 e os 6000 lugares. Será ainda assim de todo impossível quantificar com exatidão a capacidade de assistência de um caso particular já que, para além do facto de raramente haverem cadeiras ou marcação individual dos lugares nos degraus das bancadas, pode sempre acrescentar-se a opção de assistir ao jogo fora dela. Seja para não pagar bilhete quando o clube da casa assim o exige para lá se aceder¹⁷ ou simplesmente por não haver bancada, o jogo é visto da janela do bar ou da varanda de casa; da berma da estrada ou diretamente do próprio carro;¹⁸ *do quintal do Sr. Silva*¹⁹, etc...

Construtivamente, as bancadas podem distinguir-se entre as que recorrem à sobreposição quase direta de um plano inclinado a um talude artificial ou as que – quando construídas em terrenos planos – espacializam estruturas tridimensionais que permitem acrescentar a uma capacidade de lotação predeterminada a possibilidade de agregar nessa mesma construção outros programas tais como o balneário ou o bar aproveitando o espaço inferior das suas cotas mais elevadas.

Consequência da operação topográfica inicial, a sistemática horizontalidade da superfície de jogo é confrontada com a verticalidade dos planos que a cada lado expõem as sequelas do conflito entre ocupação e o suporte físico. Traduzidas nas formas construídas de muros e taludes, estas marcas correspondem no lugar a estruturas de contacto, suporte, transição, relação ou simplesmente restrição – um obstáculo ou limite – que admitem diferentes hipóteses em função do seu posicionamento relativamente ao campo – se estão próximos ou afastados, mas principalmente se acima ou abaixo da cota do plano de jogo, uma vez que, para além do jogo e jogadores, estes lugares são igualmente destinados a quem os vê. Deste modo, quando situados ao nível superior os muros e taludes acabam por desempenhar um papel fundamental enquanto estruturas de apoio à sobreposição de bancadas ou outras plataformas para acomodação dos espectadores. Veja-se por exemplo os casos do Campo de Jogos Água das Cabras e do Campo de Jogos do Calvos onde para além da bancada, também o balneário encaixa no mesmo talude.

17 “Eu? Eu estou aqui neste sítio porque não paguei a quota para entrar. Eu sou sócio do Selho, mas eles não me deixaram entrar para ir ver o futebol porque eu não trouxe dinheiro comigo...” Ricardo [adepto do Selho]. Selho vs Trandeiras. disponível em: [videos.sapo.cv/ZSY2UCy584Yfy5RF39KK](https://www.youtube.com/watch?v=ZSY2UCy584Yfy5RF39KK) (03’15”); Lúcia, Dina e Linda justificam-se com a crise mundial: “estamos a atravessar uma crise. Acha que há dinheiro para vir pagar bilhetes para ver o futebol? Não vale a pena.” Dina [adepta do Airão]. Airão vs Briteiros. disponível em: [videos.sapo.cv/ZZTKvinwlnTqeoyOqm9U](https://www.youtube.com/watch?v=ZZTKvinwlnTqeoyOqm9U) (06’05”)

18 Longos vs Emilianos. disponível em: [videos.sapo.cv/VL3uHhVnOyJKKlpOQokv](https://www.youtube.com/watch?v=VL3uHhVnOyJKKlpOQokv) (06’08”)

19 Airão vs Briteiros. disponível em: [videos.sapo.cv/ZZTKvinwlnTqeoyOqm9U](https://www.youtube.com/watch?v=ZZTKvinwlnTqeoyOqm9U) (05’29”)

Nos campos em que não foi construída qualquer bancada, é muitas vezes diretamente dos muros e taludes que os adeptos se apropriam. Em São Cristóvão, um dos espaços mais requisitados pela assistência é justamente o muro de pedra que acompanha uma das linhas laterais do recinto de jogo – afluência essa que terá justificado o acréscimo/improvisado de mais um patamar materializado através de uma sequência de três postes de iluminação dispostos na horizontal.

O segundo modelo tipológico, de possível designação edifício-bancada, ilustra apenas parte de um conjunto muito mais lato de soluções programáticas híbridas em que o espaço reservado à assistência tem implicações preponderantes na arquitetura dos edifícios. Do mais simples, que apresenta uma escada de acesso à cobertura plana do edifício onde é garantida a melhor vista sobre o campo, aos mais sofisticados em que no segundo piso dos edifícios se insere uma varanda ou até uma espécie de montra que à face da estrada facilmente se confundiria com um edifício comercial mas que no campo é utilizada como tribuna reservada às mais altas entidades locais, desde empresários industriais e da construção civil patrocinadores do clube a presidentes dos clubes, da junta de freguesia ou de outras associações.

NÃO É FÁCIL... ANTES DO JOGO IR AQUECER, DESCER E DEPOIS REGRESSAR

O denominador comum entre os exemplos anteriores está no principal programa do piso rés-do-chão ser o **balneário**. Ao contrário da bancada, necessariamente um espaço aberto, que exige uma relação visual com o terreno de jogo refletida tanto na forma (plano inclinado) como na distância (próxima) ao centro gravítico, o balneário é um espaço que se define fundamentalmente pela sua autonomia.

É um lugar reservado a outros usuários, os intervenientes do jogo, das três equipas participantes – jogadores e árbitros – e, nesse sentido, tanto pode encontrar uma resposta espacial num edifício que funde programas vários, como também pode funcionar enquanto construção autónoma, à semelhança do que ocorre em Nespereira onde o balneário é a construção mais distanciada do centro de jogo. Na verdade, até nem está na distância o principal problema: aproximadamente 15 metros abaixo da cota do recinto, só para subir as escadas entre um e outro espaço são necessários cinco minutos. Como refere Hugo Silva, treinador do Nespereira: “*não é fácil... antes do jogo ir aquecer, descer e depois regressar...*”²⁰

O espaço-tempo de cada desafio prolonga-se para além dos 90 minutos entre as linhas brancas. É no balneário onde começa e acaba o duelo entre os adversários, é lá que antes da partida em cada lado se preparam e equipam os jogadores; que no intervalo, tempo de descanso, se discutem e escondem as mudanças e alterações táticas do oponente; e que no final da partida se festeja ou reflete, respetivamente a vitória de uns e derrota dos outros. O sentido de rivalidade, marcado na espacialidade do terreno de jogo (dividido em dois lados simétricos), é

²⁰ Nespereira vs Mosteiro. disponível em: youtu.be/pVUJLbMTKrU (07'39")

normalmente transportado para a compartimentação dos balneários onde é a cada equipa – visitado e visitante – atribuído um espaço próprio de cariz vincadamente privado.

Embora atualmente todos os campos em uso sejam equipados com estas instalações de apoio à prática futebolística, à data da sua construção isso não acontecia. Na sua ausência, a função mais prática e elementar do banho era muitas vezes realizada em tanques ou linhas de água próximas que, particularmente nos campos implantados em terrenos agrícolas, tem uma expressiva representação na sua envolvente, mas que vão sendo recursos sucessivamente desaproveitados, ignorados ou até extinguidos.

O SEGREDO É O ALEATÓRIO

Uma arca frigorífica “Globo” ou outra retirada a uma carrinha de vendas, uma *roulotte* ou contentor, uma barraca, uma garagem, um piso inteiro de um edifício, etc. Dos mais elementares objetos móveis ao edifício imóvel, o **bar** é o programa que melhor resume aquilo que se pode encontrar em campo fora do retângulo de jogo condensando toda a complexidade e variabilidade do conjunto em amostra.

Em São Cristóvão, o contentor adaptado a bar serve simultaneamente para guardar material do clube. Apesar de comprado pelo presidente da Junta de Freguesia por 3250€, é o senhor Joaquim e a dona Maria José (respetivamente barman e cozinheira) quem durante os dias de jogo se encarregam de fazer das cervejas e bifanas negócio.²¹ Nas imediações deste bar-contentor são espontaneamente colocadas mesas e cadeiras improvisando uma esplanada com vista privilegiada para o campo que no final do dia desaparece por completo quando o material é recolhido para dentro do contentor.

O cenário montado como bar em Nespereira consiste numa construção versátil de carácter precário e aspeto improvisado. Uma estrutura efémera que pode ser facilmente removida ou demolida e que se constitui apenas por cobertura em chapa metálica abrigando uma arca frigorífica e uma mesa em madeira que serve de balcão do bar onde o cozinheiro de serviço é José António - que faz questão de revelar o segredo da sua receita para as bifanas: “*põe-se as bifanas, o molho de bifanas, põe-se loureiro, sal, piri-piri, uma cerveja, depois deixa-se cozer três quartos de hora, meia hora, depende.*”²² Já para Lázaro, assador do Longos, o segredo é o aleatório: “*isto é um bocadinho à sorte não é... isto é um bocadinho à sorte que normalmente não sou eu que as como... tá bom.*”²³

Nos campos de Abação e Matamá, é o espaço inicialmente construído para guardar as carrinhas dos clubes – a garagem – que está transformado em bar. Um espaço com capacidade para ser simultaneamente vários, isto é, em que se misturam e coexistem diferentes funções: do bar, a sala de troféus ou sede do clube. Em particular no primeiro exemplo, a proximidade

21 S.Cristóvão vs Figueiredo. disponível em: videos.sapo.cv/jwnhyVNHZMImZDqG7F2C (06'02")

22 Nespereira vs Mosteiro. disponível em: youtu.be/pVUJLbMTKrU (02'50")

23 Independentemente disso, Jorge, adepto do Longos, não hesita em afirmar: “*a febrinha é a qualidade da casa. Toda a gente que vem aqui, vem à conta da febra.*” Longos vs. Emilianos. disponível em: videos.sapo.cv/VL3uHhVnOyJKKlpOQokv (04'15")

ao terreno de jogo vai aumentar ainda mais a versatilidade da utilização deste bar-garagem que passa também a servir de sala para jantares ou outras festividades desportivas, musicais e religiosas.

O prolongamento do compartimento interior para o espaço exterior é feito através de uma estrutura temporária de rápida montagem e desmontagem, que permite adaptar e abrigar uma área acrescentada para aumentar a lotação de mesas e cadeiras, uma vez que as reduzidas dimensões da garagem a impedem de receber todos os convidados.

Muitas vezes nem durante o tempo de jogo a atratividade se concentra no que acontece entre as quatro linhas. No bar e sede do Grupo Desportivo de Selho realizam-se torneios de sueca ao mesmo tempo que, do outro lado da parede, a equipa de futebol ataca a baliza adversária. Do ponto de vista destes outros jogadores há, aliás, muitas semelhanças entre dar um pontapé numa bola e lançar uma bisca: “As cartas é como o futebol. Não vê a Seleção? Perde com a Espanha no Mundial e depois dá-lhe com quatro, aquase os mesmos jogadores. É igual, é o elas dar... há dias que ganhamos nós, outros ganham eles.”²⁴

Ao apito final o centro das atenções desvia-se em definitivo da bola para o prato. Isto é, para o bar (ou será melhor dizer *snack-bar restaurante*²⁵?), onde aos desafios se seguem as jantaradas.²⁶ Por exemplo, a Manuel pouco afeta o desenlace do jogo, se a favor ou contra as cores que defende, como enfatiza: “o melhor é o intervalo e a terceira parte... lá em cima na associação, o prato cheio de carne...”²⁷

O bar é uma das poucas fontes de onde os clubes colhem alguns rendimentos.²⁸ Ainda que sejam os dias de jogo a dar mais lucro, o seu horário de funcionamento é muitas vezes alargado a todos os dias da semana. Remunerado ou não, o *barman* é com frequência o único funcionário do clube a *full-time*.

ENTRE TREINOS DIÁRIOS, JOGOS SEMANAIS E FESTAS ANUAIS

O desenho de uma mesa vem à mente. Deve ser projetada com potencial. Pode ser uma atração social, uma plataforma para se estar, (...) uma mesa para jantar, escrever, expor, criar, refletir. Deve ter o potencial para usos e significados não necessariamente previstos aquando da sua conceção.²⁹

Definido para uso específico do jogo futebol, ou melhor, definido a partir das regras aplicadas ao uso, o campo

24 PACHECO [adepto de sueca]. Selho vs Trandeiras. disponível em: [videos.sapo.cv/ZSY2UCy584Yfy5RF39KK](https://www.youtube.com/watch?v=ZSY2UCy584Yfy5RF39KK) (01'33")

25 SILVA, João Rosmaninho. op.cit., loc.cit.

26 AMADO, Miguel. Em torno das fotografias de «Uma cidade de futebol», p. 154

27 O melhor do jogo?. disponível em: [videos.sapo.cv/sOqFfhToszGZ7Wvg57Nz](https://www.youtube.com/watch?v=sOqFfhToszGZ7Wvg57Nz)

28 Lutar pela subida. *Desportivo de Guimarães*. Guimarães. ano VIII, nº 442 (2000), p. 6.

29 BEIGEL, Florian; CHRISTOU, Philip. *Time Architecture: Stadtlandschaft Lichterfelde Süd*, p. 218.

acolhe, não só dentro como fora desta prática, uma multiplicidade de apropriações e sentidos.

No que ao futebol diz respeito, importa clarificar que normalmente cada clube não tem apenas uma, mas sim várias equipas, distribuídas por distintos escalões e campeonatos. Com quatro no escalão de seniores – equipa principal, secundária (também nomeada equipa b), equipa feminina e possivelmente uma de veteranos – e nove equipas juvenis que vão dos sub7 aos sub19 – petizes, traquinas, benjamins, infantis, iniciados, juvenis e juniores, um só clube pode atingir até 13 equipas. À exceção dos três escalões mais jovens, com regras de jogo próprias e consequentemente menores dimensões para o espaço de jogo, todas elas competem mediante as mesmas leis. A título de exemplo, entre os clubes com maior representatividade ao nível do número de equipas destaca-se o coletivo das Taipas. Com 11 planteis no total, aos *Caçadores* só falta o futebol feminino e equipa b. Na posição inversa da *tabela classificativa* encontra-se a turma de São Salvador de Souto cuja atividade está atualmente circunscrita à sua equipa principal.

Em termos gerais, pode dizer-se que nesta amostra existe todo o tipo de casos: clubes com uma ou com mais de dez equipas, com futebol sénior e futebol juvenil, ou exclusivamente um deles; mas que tem na maioria apenas um campo (alguns até partilham o mesmo)³⁰ e é nesse espaço que jogam e treinam todas elas, em simultâneo ou encadeadas, num cenário de apropriações fugazes e uso intensivo. O campo destaca-se assim desde logo pela capacidade de carga e mutação, de servir de suporte à velocidade a que tudo isto acontece. Entre treinos diários e jogos semanais, cada campo é ocupado em média cerca de 30 horas por semana, ficando as restantes 138 horas vazio: *vazio como ausência, mas também como promessa, como encontro, como espaço do possível*.³¹

Contudo, os usos fazem-se depender das superfícies e, tal como determinam as regras, as superfícies dos campos de futebol podem ser naturais ou artificiais.³² Entre as naturais estão os tipos de piso em terra batida – vulgarmente designado em linguagem futebolística por *pelado* – e o relvado natural. Das artificiais, assinala-se apenas a superfície de relvado sintético. Assim, para além de evidenciarem distintas texturas, cada tipo de superfície reage de forma particular às ações que lhe são sobrepostas.

O **pelado** é o resultado imediato da transformação topográfica provocada nos solos preexistentes, que por sua vez definem as categorias próprias de cada piso – enquanto ao solo agrícola se associa um piso mais macio, o terreno florestal origina um tipo de piso mais duro. Esta divisão tem alguma influência na prática futebolística na medida em que, tendencialmente, neste território, cada um dos solos está vinculado à cota baixa – agrícola – ou à alta – florestal – sendo, nesse sentido, o primeiro privilegiado em relação ao segundo por ter um solo originalmente menos agressivo. Mesmo assim, o número de campos fixados em solo florestal é paradoxalmente

30 De referir ainda que, a somar ao leque de clubes catalogado, crescem outros que, sediados na cidade, estão obrigados a sair dela para exercerem esta prática desportiva. No entanto, nenhum desses clubes compete num campo fixo, em vez disso, eles vão saltando de campo em campo periodicamente. O Atlético é um exemplo de clube que, partindo desta condição, acabou por se enraizar em Souto fundindo-se com o clube local.

31 SOLA-MORALES, Ignasi. *Terrain Vague*, p. 181.

32 Leis de Jogo FIFA. Lei 1 - O terreno de jogo, p. 6. disponível em: cri.pt/wp-content/uploads/2016/08/leis.do_jogo_.2016.17.pdf

superior aos que ocupam solos agrícolas, respetivamente 30 e 24. Nestes campos, as únicas marcas permanentes e literalmente enraizadas no solo são duas balizas. A marcação das linhas é manualmente desenhada com auxílio a uma espécie de carrinho de mão (especificamente *kitado* para o fim) que vai libertando cal à medida que se move no decorrer do processo, consecutivamente executado sempre que há jogo para evitar o risco de desaparecer no decurso do mesmo.³³ Porém, chovendo, é quase certo que ao final de 90 minutos de jogo essas fronteiras mal se reconheçam.

Campo de batatas, campo pesado, banheira, piscina, lameiro³⁴ ou lamaçal³⁵ são todos eles termos que popularmente designam o frágil estado da superfície sujeita a estas condições climáticas. Devido ao excesso de água, o piso de terra é transformado em lama tornando qualquer uso que seja inviável, mas não impossível, já que os jogadores nunca desistem de tentar praticar uma modalidade que se pareça com futebol. De volta a Tabuadelo, a fundamentar o mau estado do terreno, acresce à meteorologia desfavorável o histórico de utilizações recentes do campo para campeonatos de malha. João Pinto, o capitão de equipa, não tem dúvidas: "... há os torneios de chinchalhão, de malha, e depois a terra fica toda levantada e eles para remediar metem mais terra em cima e depois essa terra não é pisada nem passa um cilindro por cima e depois fica nestas condições que se viu agora."

O inverso disto também não augura as melhores notícias. Em prolongados períodos de tempo seco e quente, a bola, que antes parava no meio da lama, passa a esconder-se por entre densas nuvens de pó aos que de mais longe acompanham as jogadas. Os pelados são, no entanto, os campos mais baratos, que requerem menor manutenção e aqueles em que é permitido o maior número de apropriações. Reúnem, portanto, os critérios mais requisitados (que são simultaneamente as condições possíveis e mínimas) pela maioria dos campos da amostra.

O campo **relvado natural** é em tudo contrário ao pelado. É aquele que evidencia as melhores condições para a prática de futebol, é o mais caro, o que exige maiores cuidados de manutenção, e por último, o que necessita de menor intensidade de uso – circunstância que o obriga a ser praticamente restrito a treinos e jogos de um só plantel – havendo, por estas razões, apenas cinco campos com este tipo de superfície. Enquanto nos pelados é habitual crescer relva ou outro tipo de vegetação, nos relvados a relva desaparece. Resultado da falta de manutenção, estes campos tornam-se muitas vezes em superfícies híbridas que misturam as mais diversas texturas.

No pelado, o recinto de jogo é desenhado, apagado e novamente redesenhado em função do uso pretendido, funcionando desse modo quase como um quadro constantemente reescrito a cada lição. Aos sábados, no *Campo*

33 Função de que fica geralmente encarregue o roupeiro do clube. Por exemplo, há 20 anos ao serviço do Brito, Zé Manel assume tratar-se de uma missão árdua: "É duro... é marcar campos, é engraxar as chuteiras, é tratar da roupa das equipas todas." Trabalho para o qual conta com a indispensável ajuda das três mais recentes aquisições do clube - máquinas de lavar roupa. Brito vs Moreirense. disponível em: [videos.sapo.cv/3ktFWYcaInnZROPdNF5c](https://www.youtube.com/watch?v=3ktFWYcaInnZROPdNF5c) (09'10")

34 PEREIRA, Luís Miguel. *Dicionário do Futebol*.

35 Tabuadelo vs Arcos de Baúlhe. disponível em: [youtu.be/pf_Eribam3U](https://www.youtube.com/watch?v=pf_Eribam3U) (01'37")

de *Jogos do FC Prazins e Corvite* é hábito o terreno de jogo ser, ao início da manhã, marcado para um jogo da equipa de benjamins e logo de seguida manipulado para, na parte da tarde, jogar a equipa principal.

Ainda no futebol, e apesar de quase sempre se verificar jogo a jogo, esta versatilidade da superfície também pode surgir de uma época para outra. Em Donim, o clube local suspendera indeterminadamente a atividade da equipa de seniores, ficando assim a utilização do campo exclusivamente a cargo dos escalões mais jovens da formação – onde antes se desenhava um retângulo para futebol de 11, agora surgem dois ringues de 7.

O mesmo princípio é aplicado em Gémeos, mas neste caso substituindo o jogo futebol por outro – o *jogo da vaca*. Inspirado nas regras da FIFA, consta no seu regulamento, para além das marcações do terreno em quadriculado, a intervenção de um árbitro que no final do jogo decide a quem deve ou não ser entregue o prémio.³⁶

N.º 000

Nome: _____

Morada: _____

Telef.: _____



SORTEIO

"A CAGADA DO VITELHO"

CADA BILHETE TEM O PREÇO DE 2,50

57	23	7	14	78	34	13
17	31	103	1		53	10
62	4	92	41	70	89	135
46	81	67	40	8	111	77

O SORTEIO REALIZA-SE SÁBADO DIA 5 DE JULHO DE 2008, PELAS 15:00 HORAS

PRÊMIO: 1 VITELHO (OU O SEU VALOR 500,00)

REGULAMENTO:

O SORTEIO SERÁ NO CAMPO DE JOGOS DE GÊMEOS, QUE ESTARÁ DIVIDIDO EM QUADRADOS. CADA UM TERÁ UM NÚMERO QUE ESTARÁ ENTERRADO, DE UMA FORMA DESORDENADA.

O QUADRADO VENCEDOR SERÁ ENCONTRADO ATRAVÉS DA PRIMEIRA "CAGADA DO VITELHO".

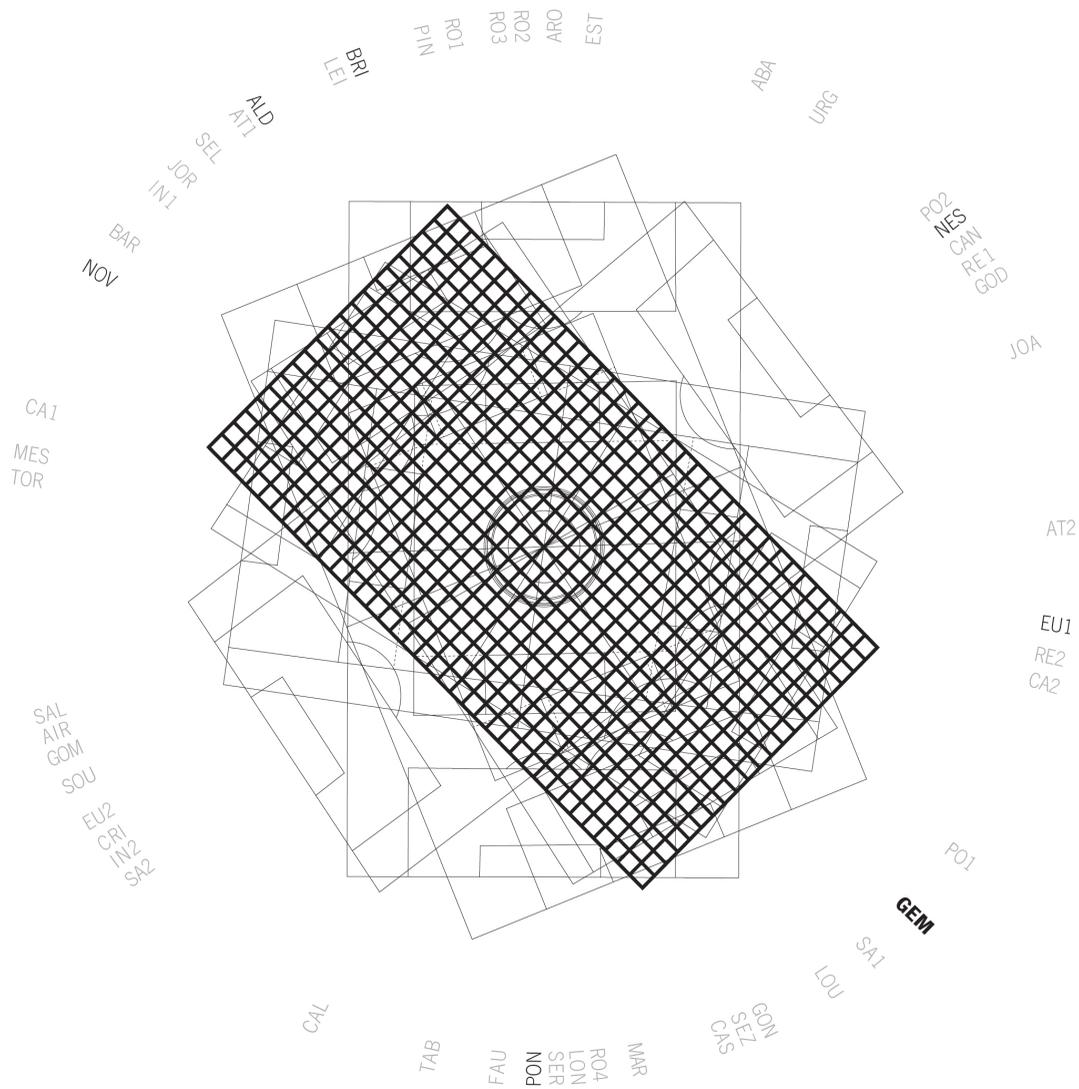
CASO ACONTEÇA O VITELHO DEFECAR EM CIMA DE UMA LINHA DIVISÓRIA, O PRÊMIO SERÁ DIVIDIDO POR DOIS. SE ELE ESCOLHER UMA CRUZ, A DIVISÃO SERÁ POR QUATRO.

O VENCEDOR SERÁ CONTACTADO PARA O N.º DE TELEF. DO CANHOTTO E TERÁ 30 DIAS PARA RECLAMAR O PRÊMIO, QUE SERÁ PUBLICADO EM WWW.GDDEGEMEOS.BLOGS.SAPO.PT

N.º 000

Fig. 10 – Bilhete e regulamento do sorteio "a cagada do vitelo" (fonte:gddegemeos.blogs.sapo.pt)

³⁶ "As instruções é vemos no sítio onde a vaca fizer e depois vamos decidir. A única dúvida pode ser se fizer em cima de uma linha - muito próximo um número do outro - de resto acho que não tem grande problema. Nesse caso vamos ver... para o lado que cair mais é o lado que vai ganhar." LOUREIRO, Fernando [árbitro do encontro]. Sorteio da vaca. disponível em: [videos.sapo.pt/Z1wo01KmmzRzEs7wWq6e](https://www.youtube.com/watch?v=Z1wo01KmmzRzEs7wWq6e) (04/09)



O limite que aparece descrito nas regras e inscrito nestas superfícies assume-se, tal como o próprio jogo, um *limite fictício*³⁷ – *que só existe em resposta a uma atividade precisa. O facto de se representar através de linhas desenhadas no chão, confere-lhe uma condição simultaneamente frágil e volátil – a fragilidade por serem marcas facilmente apagáveis e a volatilidade por serem rapidamente alteráveis.*

No caso do **relvado sintético** as marcações do campo deixam de reconhecer as mesmas características, passando a marcas permanentes em que a cada possibilidade corresponde um *layer* pintado de uma cor diferente do outro: de branco, o desenho do campo de futebol de 11; de amarelo, as linhas do recinto mais pequeno, de 7x7. Esta maior rigidez do tapete artificial indicia uma resistência ao uso e às oscilações climatéricas que não se verifica nas superfícies naturais onde o tipo de piso é sempre mais instável qualquer que seja a circunstância. Pelo facto de, como a sua designação revela, se sobrepor por completo aos processos de transformação natural do solo, o piso artificial ou sintético não sofre praticamente qualquer reação à interação de agentes externos. Mesmo sendo a longo prazo compensados por uma manutenção quase inexistente, os elevados encargos financeiros que a construção de um piso sintético acarreta são completamente desproporcionais aos meios de que os clubes dispõem. Num investimento que a breve prazo ultrapassará os dois milhões de euros, uma vez estar já previsto o apoio à construção de mais três relvados, vai nesta altura em nove o número de campos que, apenas desde 2009, tem vindo a receber pisos de relva sintética com verbas patrocinadas pela autarquia local.³⁸ No entanto, esta ajuda nunca comporta o custo total da empreitada. O valor que participam para a colocação de cada tapete sintético ronda os 200 mil euros. Cabe depois aos clubes reunirem os fundos necessários a completar uma quantia que pode ascender aos 300.

MODALIDADES DE VERÃO

*O calendário futebolístico contribui para a demarcação dos tempos e dos horizontes da vida quotidiana.*³⁹ Se durante a temporada assistimos em campo à rotina dos intervenientes que participam diária e ativamente na preparação do duelo com uma equipa rival e dos que frequentam semanalmente o campo ao fim-de-semana para apoiar a equipa da terra ou simplesmente para se encontrarem com os amigos; é no Verão, quando não há campeonato (entre Junho e Setembro), que o campo se torna *lugar* de diversos acontecimentos organizados por clubes, paróquias, juntas de freguesia ou pela própria comunidade local que vê nele *uma das poucas possibilidades de lazer, encontro e sociabilidade*⁴⁰, *mas principalmente por lhe reconhecer uma grande adaptabilidade.*

37 ALLOIS, Roger. *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*, p. 29.

38 Airão e Candoso vão receber subsídios para construir relvados sintéticos. *Guimarães Digital* (2016). disponível em: guimaraesdigital.com/noticias/62792/airao-e-candoso-va-receber-subsidios-para-construir-relvados-sinteticos

39 JESUS, Gilmar Mascarenhas. *São Paulo: a cidade e o futebol*, p. 1.

40 SILVA, Alexsander Batista. *A vivacidade e o significado da pelada para a periferia da metrópole Goianiense*, p. 262.

De festas populares ou torneios de chincalhão a missas campais ou pistas de dança zumba, misturando animais, carros, palcos, público e como não podia deixar de ser “comes e bebes”, tudo tem lugar em campo. Os animais – vacas, galos ou coelhos – são prêmios em sorteios ou torneios; os carros estacionam-se em frente ao palco e o público espalha-se pelo campo, algum até em regime drive-in.⁴¹ Em nenhum destes casos a estrutura concreta muda sob a influência da sua nova função – e aí está um ponto crucial: a forma é capaz de adaptar-se a uma variedade de funções e de assumir numerosas aparências, ao mesmo tempo em que permanece fundamentalmente a mesma.⁴²

Descodificando um evento em particular, correspondente ao 40º Aniversário da União Desportiva de Polvoreira (2013), em que o espaço do campo serve durante três dias de base a diferentes atividades, torna-se evidente a natureza das extensões ou dos ajustes⁴³ a partir da programação e duração de cada acontecimento. Materializadas em objetos como mesas, palcos, tendas ou toldos facilmente montáveis e desmontáveis, essas próteses vão aparecendo e desaparecendo de um dia para o outro consoante as necessidades de utilização.

Por fim, em Setembro, reiniciado o campeonato, o campo retoma a sua função predefinida. A demarcação da temporada futebolística determina processos cíclicos, sobrepostos, repetidos semanal e anualmente, que vão exigindo ao espaço sucessivas mudanças de uso. A calendarização dos dias e das horas de treinos e jogos estabelece um quadro dos tempos de ocupação semanal do campo de futebol e o calendário da temporada que separa os meses em que existe competição dos que não existe define uma nova narrativa em que outras utilizações vêm reforçar o potencial coletivo deste lugar, transformado em **campo social**.

41 *Liga dos Últimos*, p. 39.

42 HERTZBERGER, Herman. *Lições de Arquitetura*, p. 170.

43 HERTZBERGER, Herman. op.cit., p. 103.

40 ANOS
UNião DESPORTIVA DE POLVOREIRA

9 a 22 JUNHO - 5, 6 e 7 JULHO

GRUPO DE DANÇAS BLACK ANGELS
SABADO 06/07 21H00

GRUPO FOLCLÓRICO ACR CONDE SAO MARTINHO
DOMINGO 07/07 11H00

LUZAO E A SUA BANDA
SABADO 06/07 21H00

CORTEJO REGIONAL ALEGÓRICOS CARROS
DOMINGO 07/07 14H00

UNião DESPORTIVA DE POLVOREIRA
PINTURAS FACIAIS ▶ INSULFÁVEIS ▶ MUITAS SURPRESAS

09 A 22/06 TORNEIO DE FUTEBOL 7 PARA ASSOCIADOS

05/07 21H00 GRANDIOSO TORNEIO DE SUECA COM VALIOSOS PRÉMIOS

SAB 06/07 09H00 ALVORADA FESTIVA E MÚSICA GRAVADA
14H00 TORNEIO DE CHINCALHÃO COM VALIOSOS PRÉMIOS
21H00 ACTUAÇÃO DO GRUPO DE DANÇA BLACK ANGELS
21H30 ACTUAÇÃO DO ARTISTA LUZÃO E A SUA BANDA

DOM 07/07 09H00 ALVORADA FESTIVA E MÚSICA GRAVADA
10H30 ROMAGEM AO CEMITÉRIO / HOMENAGEM SÓCIOS FALECIDOS
11H00 MISSA CAMPAL EM MEMÓRIA DOS SÓCIOS FALECIDOS
14H00 CORTEJO TRADICIONAL COM CARROS ALEGÓRICOS
14H30 ACTUAÇÃO DO GRUPO FOLCLÓRICO ACR CONDE S. MARTINHO
21H00 ESTRONDOSA SESSÃO DE FOGO DE ARTIFÍCIO

▶ DURANTE A FESTA VISITA O NOSSO BAR ONDE TERÁS BONS PETISCOS
▶ TUDO O QUE PENSAS DE SABER EM WWW.FACEBOOK.COM/UDPOLVOREIRA

PROGRAMAÇÃO

SEXTA-FEIRA

21H00 TORNEIO DE SUECA COM VALIOSOS PRÉMIOS

SÁBADO

09H00 ALVORADA FESTIVA E MÚSICA GRAVADA
14H00 TORNEIO DE CHINCALHÃO COM VALIOSOS PRÉMIOS
21H00 ACTUAÇÃO DO GRUPO ESTRELAS DA MEIA NOITE
00H00 ESTRONDOSA SESSÃO DE FOGO DE ARTIFÍCIO

DOMINGO

09H00 ALVORADA FESTIVA E MÚSICA GRAVADA
10H00 MISSA EM MEMÓRIA DOS SÓCIOS FALECIDOS NA IGREJA DE POLVOREIRA
14H00 CORTEJO TRADICIONAL COM CARROS ALEGÓRICOS E LEILÃO DE OFERENDAS (SAÍDA DA CERCA)
21H30 ACTUAÇÃO DO GRUPO FOLCLÓRICO DE POLVOREIRA (CANTAR DOS PARABÉNS COM BOLO)
00H00 ESTRONDOSA SESSÃO DE FOGO DE ARTIFÍCIO

41 ANOS UNIAO DESPORTIVA POLVOREIRA
FUNDADA EM JULHO DE 1973

4 5 6
JULHO

SÁBADO
GRUPO ESTRELAS DA MEIA NOITE

DURANTE A FESTA VISITE O NOSSO BAR E PROVE OS PETISCOS

ACOMPANHE OS JOGOS DO MUNDIAL NO NOSSO ECRÃ

DOMINGO
CORTEJO DE CARROS ALEGÓRICOS

DOMINGO
GRUPO FOLCLÓRICO DE POLVOREIRA

f w o YouTube iio

www.Ordade.com

Fig. 12 – Programação dos 40º e 41º Aniversário da União Desportiva de Polvoreira (fonte: facebook.com/udpolvoreira)

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. - Uma Cidade de Futebol. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004
- AA.VV. - Arquitectura em Lugares Comuns. 1ªed. Porto: Dafne Editora, 2008.
- AA.VV. - Liga dos Últimos. 2ªed. [S.l.]: Prime Books, 2009.
- AA.VV. - O Ser Urbano, nos Caminhos de Nuno Portas. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012.
- AA.VV. - Desporto em Guimarães: dos primórdios à atualidade. Guimarães: Tempo Livre, 2013.
- AMADO, Miguel - Em torno das fotografias de «Uma cidade de futebol». In “Uma Cidade de Futebol”. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. p. 151-163.
- BARTHES, Roland - Mitologias. São Paulo: Edições70, 2012.
- BEIGEL, Florian; CHRISTOU, Philip - Brikettfabrik Witnitz: specific indeterminacy - designing for uncertainty. *Architectural Research Quarterly*. Cambridge. Vol. 2, nº 2 (1996), p. 18-37.
- BEIGEL, Florian; CHRISTOU, Philip - Time Architecture: Stadtlandschaft Lichterfelde Süd, Berlin. *Architectural Research Quarterly*. Cambridge. Vol. 3, nº 3 (1999), p. 202-218.
- BEIGEL, Florian - Time Architecture: Selected Architectural Works by Florian Beigel & Architecture Research Unit, London Metropolitan University. 2ªed. London: Architecture Research Unit, 2003.
- BRAGUETO, Claudio Roberto; HÖFIG, Pedro - Considerações sobre geografia e futebol: produção do espaço urbano e apropriação do território. *Terr@Plural*. Ponta Grossa. Vol. 7, nº 1 (2013), p. 79-92.
- CALLOIS, Roger - Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem. Lisboa: Cotovia, 1990.
- CARVALHO, A. Melo - Desporto Popular. Porto: Campo das Letras, 1998.
- CATRICA, Paulo - O futebol joga-se no campo. In “Uma Cidade de Futebol”. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. p. 17-19.
- CATRICA, Paulo - Campos e Estádiums. *Laura: Revista de Cultura Arquitectónica do DAAUM*. Guimarães. número especial *Laura vai ao Futebol (2004)*, p. 52-55.
- CHRISTOU, Philip - Architecture is like a road. *a+t*. Vitoria-Gasteiz. nº 13 (1999), p. 14-17.
- COELHO, João Nuno - O verdadeiro futebol. In “Liga dos Últimos”. 2ªed. [S.l.]: Prime Books, 2009. p. 7-8.
- COELHO, João Nuno – Para uma sociologia dos últimos. In “Liga dos Últimos”. 2ªed. [S.l.]: Prime Books, 2009. p. 21-22.
- COSTA, A. Silva - Portugal, país de futebol. *Con(m)textos de Sociologia*. nº 4 (2007), p. 25-37.
- DEUSDADO, Daniel - O princípio. In “Liga dos Últimos”. 2ªed. [S.l.]: Prime Books, 2009. p. 9-16.
- DOMINGUES, Álvaro; MARQUES, Teresa - Breve caracterização do “Vale do Médio Ave”. *Revista da Faculdade de Letras: Geografia*. Porto. série I, Vol. 3 (1987), p. 268-271.
- DOMINGUES, Álvaro - Formas e escalas da urbanização difusa: interpretação e intervenção no NO de Portugal. *Inforgeo*. Lisboa. nº 14 (1999), p. 43-64.
- DOMINGUES, Álvaro - A rua da Estrada. 1ªed. Porto: Dafne Editora, 2009.
- DOMINGUES, Álvaro - Vida no Campo. 1ªed. Porto: Dafne Editora, 2011.

- GASPAR, Jorge [et. al.] - Transformações recentes na Geografia do Futebol em Portugal. Finisterra. Lisboa. Vol. 17, nº 34 (1982), p. 301-324.
- HABRAKEN, John - Cultivating the Field: About an Attitude When Making Architecture. Places [em linha]. Vol. 9, nº 1 (1994), p. 8-21. disponível em: placesjournal.org/assets/legacy/pdfs/cultivating-the-field-about-an-attitude-when-making-architecture.pdf
- HABRAKEN, John - The Structure of the Ordinary, Form and Control in the Built Environment. Cambridge: MIT Press, 1998.
- HERTZBERGER, Herman - Architecture for People. A+U Architecture and Urbanism. Tokyo. nº 75 (1977), p. 124-146.
- HERTZBERGER, Herman - Lições de Arquitetura. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- JESUS, Gilmar Mascarenhas - À Geografia dos Esportes: Uma Introdução. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales [em linha]. Barcelona. nº 35 (1999). disponível em: ub.edu/geocrit/sn-35.htm
- JESUS, Gilmar Mascarenhas - São Paulo: a cidade e o futebol. Revista Digital [em linha]. Buenos Aires. ano VIII, nº 46 (2002). disponível em: ufv.br/des/futebol/artigos/São%20Paulo.pdf
- JUAN, Marta Labastida - El Paisaje Próximo. Fragmentos del Vale do Ave. Guimarães: Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, 2013. Tese de Doutoramento.
- MACHADO, Fabiano - Futebol: Uma nova perspectiva no ensino da Geografia. Artigo apresentado no 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, 2009 [em linha]. disponível em: [agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20\(60\).pdf](http://agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20(60).pdf)
- MORRIS, Desmond - A tribo do futebol. Mem Martins: Europa-América, 1981.
- MUNTADAS, Antoni - Stadium. Quaderns. Barcelona. nº 236 (2003), p. 63-80.
- NOLASCO, Carlos - Futebol: Desporto e Emoção. Con(m)textos de Sociologia. nº 3 (2004), p. 16-20.
- PEREIRA, Luís Miguel - Dicionário do Futebol. 1ªed. Lisboa: Booktree, 2002.
- PORTAS, Nuno - Retratos Vimaraneses. In "Os Tempos das Formas". 1ªed. Guimarães: edições EARQ, 2005. p. 303-309
- SÁ, Manuel Fernandes - O Médio Ave. Porto: Escola Superior de Belas Artes do Porto, 1986.
- SCIFONI, Simone - Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo. Anais do Museu Paulista. São Paulo. Vol. 21, nº 2 (2013), p. 125-151.
- SILVA, Alexsander Batista - A vivacidade e o significado da pelada para a periferia da metrópole Goianiense. Ateliê Geográfico. Goiânia. Vol. 4, nº 2 (2010), p. 262-273.
- SILVA, Cidália - O Difuso no Vale do Ave. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005. Dissertação de Mestrado.
- SILVA, Cidália - Saber ver o Difuso no Vale do Ave. Artigo apresentado na 1st International Conference of Young Urban Researchers, 2007 [em linha]. disponível em: academia.edu/905640/Saber_ver_o_Difuso_no_Vale_do_Ave
- SILVA, Cidália - Dissipar equívocos: saber ver o território contemporâneo. In "Arquitectura em Lugares Comuns". 1ª ed. Porto: Dafne Editora, 2008. p. 35-42.

SILVA, João Rosmaninho - O pequeno Futebol. Laura: Revista de Cultura Arquitectónica do DAAUM. Guimarães. número especial Laura vai ao Futebol (2004), p. 28-33.

SIMÕES, J. Santos - Futebol Vimaranesense: das origens aos estádios. Guimarães: Gráfica Covense, 1995.

SOLA-MORALES, Ignasi - Arquitectura Liquida. dc, Revista de Crítica Arquitectónica. Barcelona. nº 5 (2001), p. 24-33.

SOLA-MORALES, Ignasi - Terrain Vague. In "Territorios". Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002. p. 181-193.

SOLÀ-MORALES, Manuel - De Cosas Urbanas. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2008.

TAVARES, André; OLIVEIRA, Ivo - Missão impossível no meio do difuso. In "Arquitetura em Lugares Comuns". 1ª ed. Porto: Dafne Editora, 2008. p. 123-133.